

UPA | Utilização Pedagógica do Audiovisual

Carla Sofia Freire

IACT, ESECS, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Carlos Silva

Universidade de Aveiro, Portugal

Abstract

In a society where we all are not only consumers, but also producers, it is important for school to track the evolution and find ways to maximise and optimize Information and Communication Technologies in behalf of the teaching-learning process. The audiovisual combined with education may bring benefits to students, providing significant learning. The project UPA | Pedagogical Use of Audiovisual consists in a training of accessible audiovisual, to higher education students, with the aim of video production to education purposes or non-profitable organizations. The UPA project is constituted by two phases, one of classroom training and another of autonomous work. In the UPA project pilot test enrolled seven students of higher education.

In order to evaluate the pilot test, was used observation, analysis of the students' work and analysis of a final reflexion that was asked them to do. The results allowed seeing that in the first phase, students had interest in participating in the project, feeling motivated and making team work. In the second phase, of autonomous work, there was abandonment by the majority of participants, staying only one student that accomplished the autonomous work.

Although the final works showed some deficiencies at technical and audiovisual grammar levels, the objectives were achieved and the expectancies overcome.

Keywords: UPA, Audiovisual in Education, Educational Video, Video Production, Higher Education

Introdução

Ainda que a imprensa, no séc. XIV e a fotografia, no séc. XIX, tenham tido impacto na sociedade, afetando a forma de disponibilização da informação, o surgimento e evolução dos novos media contribuíram para uma revolução muito mais profunda, afetando todos os estados da comunicação, a aquisição, edição, armazenamento e distribuição de informação (Manovich 2001). Esta revolução trouxe grandes alterações à sociedade, onde não há "impedimento ao conhecimento e onde a comunicação ultrapassa as barreiras do espaço e do tempo" (Lisbôa, Bottentuit Junior, and Coutinho 2009, 5859).

As ferramentas disponibilizadas pela WEB 2.0 permitem uma cultura da participação, onde o utilizador deixa de ser um mero consumidor, passando a ter também um papel de produtor, o chamado prosumer (Boccia Artieri 2012). Neste contexto, a forma do indivíduo viver, pensar e agir é diferente, do

que era até então, sendo essencial, para que possa acompanhar a evolução tecnológica, aprender a aprender (Silva, Correia, and Lima 2010). É importante que os diferentes setores da sociedade, em particular a escola, tenham uma educação para os media, que permita o desenvolvimento de novas competências (Lisbôa, Bottentuit Junior, and Coutinho 2009), que por sua vez, possam contribuir para novas formas de trabalho colaborativo e cooperativo aumentando a participação nesta nova cultura (Boccia Artieri 2012).

A escola tradicional ignora os conhecimentos informais, previamente adquiridos pelos alunos através dos media, conhecimentos estes que poderiam vir a complementar os conhecimentos formais da escola (Ferreira and Oliveira 2009). Numa cultura onde existem diferentes formas de participação, tais como novas formas de trabalho colaborativo entre profissionais e amadores, aumento de atividades cooperativas e colaborativas livres e orientadas ao utilizador e produção de novos media (Boccia Artieri 2012)

existirem ambientes de aprendizagem que não incluam inovação é obrigou os alunos a saírem da imersão tecnológica em que vivem, retirando-os do seu habitat natural e obrigando-os a retroceder no tempo para aprender (Casal 2013, 6616).

O vídeo, enquanto recurso de comunicação audiovisual, possibilita a assimilação de conteúdos envolvendo diferentes sentidos (Lisbôa, Bottentuit Junior, and Coutinho 2009) desde o sensorial e emotivo, ao intuitivo e posteriormente racional (Morán 1995) aproximando o aluno do dia-a-dia e facilitando a compreensão dos conteúdos (Lisbôa, Bottentuit Junior, and Coutinho 2009), sendo, desta forma, um bom aliado para a educação.

A produção de vídeo pode ser uma atividade de teor educativo (Ferrés Prats 2003), seja através da produção numa determinada área de conhecimento (Morán 1995), ou através de um trabalho livre que não esteja associado a uma área específica, em que o aluno pode beneficiar de um exercício de criatividade, de trabalho em equipa e de experimentação da linguagem audiovisual (Ferrés Prats 2003).

A educação já contempla o audiovisual em contexto de sala de aula, no entanto este recurso normalmente funciona como um transmissor de informação (Caldas and Silva 2001) existindo alguma dificuldade, por parte dos profissionais da educação, em utilizá-lo como um recurso pedagógico: seja devido a propostas de programas didáticos pouco adequados; seja por ignorância das suas potencialidades para o processo de ensino-aprendizagem (Vicentini and Domingues 2008). O audiovisual, em sala de aula, não altera significativamente a relação pedagógica,

mas pode ajudar um professor e atrair alunos, aproximando o espaço de sala de aula do cotidiano, das aprendizagens daí obtidas e introduzindo novas questões (Morán 1995).

Ainda que existam algumas experiências de utilização do audiovisual nas escolas, a utilização do vídeo, enquanto dinamizador de uma relação de ensino-aprendizagem, encontra-se ainda numa fase embrionária no ensino superior (Vicentini and Domingues 2008).

O projeto UPA | Utilização Pedagógica do Audiovisual foi criado com o intuito de dar formação, a alunos do Ensino Superior, em linguagem audiovisual, com vista a produção de trabalhos audiovisuais para a educação ou para entidades sem fins lucrativos. Este projeto tem como objetivos: (1) desenvolver, nos alunos, competências ao nível da criação de trabalhos audiovisuais; (2) dar a conhecer técnicas de adaptação de materiais audiovisuais; (3) desenvolver competências de trabalho colaborativo e/ou cooperativo; (4) estimular o espírito crítico e a autonomia. O documento encontra-se organizado por uma contextualização teórica relativa ao audiovisual na educação, uma breve descrição do projeto UPA, a metodologia adotada; e os resultados encontrados, a discussão dos resultados e a conclusão.

Potencial pedagógico do vídeo

O vídeo enquanto meio de comunicação audiovisual, pode igualmente ser recurso de apoio à sala de aula (Lisbôa, Bottentuit Junior, and Coutinho 2009) que além de permitir a utilização de trabalhos já existentes, permite também a produção de novos trabalhos “em que os alunos podem estar totalmente implicados” (Caldas and Silva 2001, 694). Como tal, pode proporcionar uma grande diversidade de atividades, tais como: a análise de estilos de linguagem, a análise de pontos positivos e negativos na transmissão da mensagem e a produção de trabalhos pessoais (Lisbôa, Bottentuit Junior, and Coutinho 2009).

A tendência do audiovisual educativo, tem sido a criação de filmes para ensinar, mas deveria ser, sobretudo, para aprender. A criação de filmes, permite não só a compreensão das imagens, mas também a aprendizagem das características e funcionamento dos media, sendo desta forma uma boa estratégia que permite a “educação para os media, com os media” (Oliveira 2009, 5575).

Filmar pode ser uma experiência envolvente para qualquer pessoa (Morán 1995). A facilidade de criação de trabalhos em vídeo, coloca o aluno no centro da sua aprendizagem (Caldas and Silva 2001) permitindo-lhe “externalizar suas ideias, seu pensamento criativo” (Pereira and Barros 2010, 4401-3) contribuindo para o enriquecimento pedagógico e estimulando uma aprendizagem de cariz construtivista (Caldas and Silva 2001).

Importa referir o processo de um trabalho desta natureza, tendo em conta a sua complexidade que ultrapassa o grau de dificuldade da escrita, proporcionando “o entendimento da escrita enquanto

apreensão / compreensão / construção da realidade” (Oliveira 2009, 5575). Trata-se de um processo constituído por diferentes etapas: ideia, pesquisa de informação sobre o assunto, argumento, guião, storyboard, filmagens, sonorização, edição e visualização do trabalho final. Neste sentido, é essencial que cada equipa faça um bom planeamento e distribua as tarefas entre os membros da equipa, fomentando o trabalho colaborativo (Ferrés Prats 2003).

Na literatura científica é possível encontrar vários benefícios da utilização do vídeo na educação, dos quais se destacam: o alto nível de participação nas atividades, assim como o empenho e iniciativa de trabalho (Casal 2013); o Interesse, recetividade (Costa, Oliveira, and Ferreira 2009) e motivação para a realização de um trabalho desta natureza (Casal 2013, Pereira and Barros 2010, Oliveira 2009, Ferreira and Oliveira 2009), traduzindo-se em bons níveis de satisfação pessoal (Oliveira 2009, Caldas and Silva 2001); o trabalho colaborativo e cooperativo (Casal 2013, Costa, Oliveira, and Ferreira 2009, Caldas and Silva 2001) que permite uma maior interação (Caldas and Silva 2001) permitindo a partilha de conhecimentos (Costa, Oliveira, and Ferreira 2009, Caldas and Silva 2001) e contribuindo para o respeito pelas opiniões dos outros e para o fortalecimento de relações no grupo (Costa, Oliveira, and Ferreira 2009); a atenção no trabalho, reduzindo os desvios de assuntos e a realização de trabalho autónomo (Casal 2013) que por sua vez contribui para uma aprendizagem autónoma e produtiva (Casal 2013, Ferreira and Oliveira 2009) através da possibilidade recursiva de refletir e experimentar (Pereira and Barros 2010, Zoettl 2011) permitindo a aquisição de conhecimentos conceptuais e técnicos (Oliveira 2009, Costa, Oliveira, and Ferreira 2009), melhor compreensão dos conteúdos programáticos (Casal 2013) e desenvolvimento de criatividade (Caldas and Silva 2001).

Para além dos benefícios referidos nestes estudos, algumas dificuldades foram apontadas pelos seus participantes, as quais prenderam-se essencialmente com o trabalho de planeamento, nomeadamente a criação do guião devido à dificuldade de expressão de ideias (Costa, Oliveira, and Ferreira 2009) e a conceção e estruturação narrativa do filme (Oliveira 2009); mas também com a necessidade de organização e distribuição de tarefas no grupo (Caldas and Silva 2001).

Torna-se importante investir mais na investigação científica, no que se refere à utilização do audiovisual na educação, de forma a que os alunos e professores possam vir a beneficiar de estratégias alternativas de exploração de realidades (Lisbôa, Bottentuit Junior, and Coutinho 2009).

Projeto UPA | Utilização Pedagógica do Audiovisual

O projeto UPA surgiu na sequência da necessidade de modernizar os processos de ensino/aprendizagem no Instituto Politécnico de Leiria (IPLeiria), tomando-os mais atrativos com o suporte audiovisual. Indo de encontro à

literatura científica, o audiovisual aliado à educação, pode motivar o aluno, ajudando-o não só a assimilar conceitos, mas também a pesquisar e estruturar informação, ver diferentes pontos de vista, desenvolver competências de trabalho colaborativo e/ou cooperativo assim como estimular o espírito crítico e a autonomia.

O planeamento do projeto considerou duas fases de formação, sendo a primeira em contexto de sala de aula e a segunda em contexto real de trabalho, das quais deveriam resultar dois tipos trabalhos audiovisuais distintos: um trabalho audiovisual livre, com temática escolhida pelo aluno e um trabalho audiovisual para posterior utilização em ensino ou para uma entidade exterior ao IPLEiria.

No que se refere à primeira fase, previa-se a formação ao nível de criação de produtos audiovisuais acessíveis: desde a ideia, pesquisa de informação, guião e story-board, captura e edição de imagem e de áudio e adaptação para públicos diversificados. Nesta fase, o trabalho audiovisual era livre, podendo o aluno escolher o tipo de produto a desenvolver.

A segunda fase foi planeada como formação autónoma em contexto de trabalho real, com o apoio e acompanhamento da equipa coordenadora do projeto. Nesta fase, o aluno teria que desenvolver um trabalho audiovisual para posterior utilização em contexto de educação (presencial ou a distância); ou um trabalho para uma entidade externa, desde que esta fosse sem fins lucrativos, a fim de criar pontes entre o IPLEiria e diferentes entidades.

O trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UPA pode ser consultado na web, através do URL <http://upa.ipleiria.pt/>.

Metodologia

Tendo em conta o projeto apresentado e sendo a participação do aluno voluntária, interessa saber como reagirá a uma formação prática desta natureza, onde o próprio aluno tem um papel fundamental na sua aprendizagem.

O trabalho apresentado é de cariz qualitativo, tendo em conta que pretende descrever e interpretar uma situação, no seu contexto natural, a partir do indivíduo, face ao fenómeno (Fortin 2009, Thompson and Walker 1998). Neste sentido, pretendeu-se com este projeto: (1) desenvolver, nos alunos, competências ao nível da criação de trabalhos audiovisuais; (2) dar a conhecer técnicas de adaptação de materiais audiovisuais; (3) desenvolver competências de trabalho colaborativo e/ou cooperativo; (4) estimular o espírito crítico e a autonomia.

Tipo de estudo e instrumentos

O trabalho apresentado é um estudo de caso, uma vez que se pretende explorar e descrever um fenómeno contemporâneo (Fortin 2009, Yin 2003). Trata-se de tipo de estudo flexível que se foca num grupo de pessoas, face a um fenómeno de interesse (Rosenberg and Yates 2007), no presente caso, alunos que participaram no projeto.

De forma a dar resposta aos objetivos traçados, foram utilizados:

1. a técnica de observação participante, uma vez que é uma técnica que pretende analisar o “real, centrada na interpretação dos fenómenos, a partir das diversas significações que os participantes na acção lhes conferem” (Estrela 2008, 34);
2. análise do trabalho desenvolvido pelos alunos;
3. análise de uma reflexão pedida aos alunos, relativamente ao projeto.

Participantes

O estudo contou com a participação de sete alunos de primeiro ano de Licenciatura da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS/IPLeiria), sendo dois alunos de Animação Cultural e cinco de Comunicação Social e Educação Multimédia. No que se refere ao género e idade, dois alunos eram do sexo masculino sendo os restantes do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 19 e 25 anos.

Procedimentos

A primeira fase do projeto UPA decorreu no espaço de uma semana, em fevereiro de 2013, em regime intensivo das 10h00m às 18h00m, com uma hora para almoço, sendo a carga horária total de 35 horas. Esta fase funcionou na ESECS/IPLeiria, que cedeu condições e espaços possíveis à concretização do projeto, tendo a captura de imagens e áudio decorrido fora do espaço da escola.

Os alunos formaram duas equipas, uma constituída por quatro elementos e a outra por três elementos, tendo ambos grupos optado por realizar um filme de ficção. Nesta fase, os alunos tiveram formação básica, essencialmente prática, em linguagem audiovisual: à medida que os conceitos foram explicados, logo foram aplicados, no projeto que os alunos queriam desenvolver. Os conteúdos abordados nesta formação relacionaram-se com: conceitos básicos relativos à criação de filmes; ideia, storyline; pesquisa de informação; sinopse; argumento; funcionamento das câmaras; planos, movimentos e pontos de vista; storyboard; captura de imagens e áudio; e, edição e montagem dos filmes. Nesta semana tornou-se difícil a formação em adaptação, o que posteriormente foi ultrapassado, em contexto de aulas de licenciatura, pelo que todos os alunos participantes no Projeto UPA tiveram conhecimento básico de técnicas de adaptação, em particular de audiodescrição, tendo a possibilidade audiodescrever os seus trabalhos.

A segunda fase do projeto decorreu a partir do final de fevereiro até ao final de maio, de 2013, em contexto real de trabalho. Esta fase pretendia ser mais autónoma, mas sempre acompanhada pela equipa coordenadora do projeto, tendo para o efeito, sido realizadas reuniões de acompanhamento e apoio. O trabalho proposto para esta fase foi um vídeo de promoção/divulgação de uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), com Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) destinado a pessoas com deficiência intelectual. Pretendia-se com este trabalho que os alunos realizassem um vídeo que pudesse documentar e promover as atividades realizadas por esta instituição.

Resultados

Todos os participantes do estudo fizeram a componente de formação em sala de aula (fase 1), da qual resultaram duas curta-metragens. Dos sete alunos que fizeram parte do projeto, apenas um aluno participou ativamente até ao final do projeto, tendo sido entregue um trabalho correspondente a esta fase de trabalho autónomo. De seguida apresentam-se os principais resultados do projeto de acordo com as técnicas utilizadas.

Observação

Ao longo da 1ª fase, foi possível observar os participantes em contexto real de formação, uma vez que a maioria do trabalho a realizar foi em sala de aula e por altura da captura de imagens e áudio, a equipa coordenadora acompanhou os alunos, tirando notas e fazendo o registo em audiovisual. Da observação do processo, foi possível constatar alguns fatores que se destacaram no desenvolvimento dos trabalhos, tais como: a motivação e interesse; o trabalho colaborativo e cooperativo; gestão de conflitos e espírito crítico.

Motivação e interesse

Os alunos mostraram-se bastante motivados e interessados na formação, sendo pontuais e bastante participativos. Ao discutirem ideias para o argumento, não só as partilhavam entre eles e com o formador, de forma a terem apoio e opinião; como também pesquisaram informação relativamente aos assuntos que pretendiam abordar nos filmes.

Trabalho colaborativo e cooperativo

Ambos grupos trabalharam colaborativamente, contribuindo com diferentes ideias, para o mesmo fim – criar uma história que seria contada através do audiovisual. As tarefas foram divididas, entre os membros das equipas, existindo em alguns casos troca de funções, a fim de todos experimentarem os diferentes papéis. Inicialmente ambas equipas trabalharam bem em grupo; no final da semana, notou-se dificuldades no relacionamento das equipas, tendo sido possível notar que o trabalho colaborativo e cooperativo existente inicialmente, deu lugar a um trabalho mais individualizado e com pouca participação de outros elementos dos grupos.

Gestão de conflitos e espírito crítico

Foi notória a discussão de ideias aquando da criação do argumento e do storyboard. Por altura das decisões importantes, relativamente aos projetos audiovisuais, houve debate de ideias e de diferentes pontos de vista, de uma forma calorosa. Este debate contribuiu para mais pesquisa relativamente às temáticas abordadas e à melhor forma de expressar situações em formato audiovisual, a fim de ficarem compreensíveis a um espetador final. No que se refere à negociação e resolução de conflitos, no início da semana ambos grupos revelaram competências de argumentação e espírito crítico; no entanto, no final da semana notou-se um cansaço generalizado,

fragmentação dos grupos e pouca discussão.

Na fase de trabalho autónomo, houve um abandono geral do projeto, por parte dos participantes, restando apenas uma aluna que levou o projeto até ao fim e com sucesso. Ainda que por vezes tenha sido possível notar o cansaço, observou-se o grande empenho e preocupação em fazer o trabalho e com adaptação.

Análise do trabalho desenvolvido

Pelos trabalhos realizados pelos alunos foi possível verificar que de uma forma geral conseguiram atingir o objetivo, conhecer o processo de criação de produtos audiovisuais, no entanto revelaram alguma dificuldade em transpor as ideias do argumento para o guião e storyboard e posteriormente para o produto final em si mesmo.

Os trabalhos tinham algumas lacunas, que comprometiam o fácil entendimento dos filmes, em particular no grupo que revelou mais dificuldade de trabalho em equipa, no entanto notou-se que houve aprendizagem e tentativa de resolver as dificuldades sentidas.

No que se refere à adaptação, tendo em conta que foi dada posteriormente à formação do projeto, apenas um dos grupos atualizou o seu filme, adicionando audiodescrição.

O trabalho resultante da fase de trabalho autónomo, mostrava já uma maior compreensão da linguagem audiovisual. Houve a preocupação de visitar previamente e várias vezes a instituição, a fim de conhecer hábitos, pessoas e situações, de forma a planear mais adequadamente o guião. O trabalho realizado autonomamente, foi também adaptado com audiodescrição.

Reflexões dos alunos

Após a finalização do projeto, foi pedido aos alunos que fizessem uma reflexão final, relativa ao projeto e ao trabalho desenvolvido. Após a análise das reflexões, foi possível notar:

o trabalho colaborativo e cooperativo

Fizemos então um breve debate para recolhermos as ideias de cada uma, chegando assim a uma ideia global e partilhada por todas (P 1);

Em relação aos aspetos positivos (...) foram desenvolver a capacidade de trabalhar em grupo (PA2); Aprendi que é preciso um trabalho de equipa coeso (PA5).

a pesquisa de informações relacionadas com o tema de trabalho

Visualizamos uns vídeos sobre pessoas cegas a cozinhar, e um filme para vermos, como estas faziam tanto para cozinhar, como no seu dia-a-dia (PA1);

As pesquisas que se fizeram para o argumento deram um grande contributo para este (P2)

Por isso, fizemos uma análise de reportagens e outros documentos audiovisuais sobre a existência real de cozinheiros profissionais nessa condição [cegueira] (PA3)

O Interesse e empenho

Concluindo, esta experiência foi positiva e produtiva (PA1)

esta formação foi muito útil, pois aprendi algumas coisas que não sabia, como mexer em máquinas de filmar usando o manual (PA2)

Em suma, foi uma experiência produtiva e proveitosa (PA3)

Contudo, gostei bastante da experiência revelando-se muito enriquecedora (PA4)

Divertimo-nos imenso nas filmagens, passei a conhecer os meus colegas um pouco mais, e passei a ver o mundo cinematográfico de uma forma completamente nova. (PA5)

O projecto UPA foi uma experiência enriquecedora (PA6)

a vantagem da componente prática

E por fim um ponto forte da formação foi a grande parte experimental. Pudemos pôr em prática á medida que íamos aprendendo e acho que isso foi um grande impulso, pois não foi só estar sentado numa sala a ouvir como se faz e deve fazer, mas como foi posto logo em prática (PA5)

a inovação da Tradaptação

Em relação aos aspetos positivos (...) fazer parte de algo que é inovador, como a áudio-descrição (PA2)

a gestão de conflitos

Foi um longo processo com vários percalços no caminho. A meu ver, e no que experienciei, o pior foi a falta de comunicação e entendimento dentro do meu próprio grupo (...) Poderei dizer que também aprendi a ser um pouco mais paciente (PA5)

No entanto, as reflexões focaram, também, pontos menos positivos, nomeadamente:

os conteúdos poucos aprofundados

Tenho pena de não ter havido um maior aprofundamento da parte teórica que foi dada bastante superficialmente. E sendo ela interessante e no meu ver, fundamental, considero que seria importante aprofunda-la (PA1)

Contudo, considera-se que teria sido importante perder o primeiro dia com uma base teórica mais profunda (PA3)

A nível da formação propriamente dita julgo que uma análise mais aprofundada dos temas abordados, como principalmente o funcionamento manual da câmara, poderia ter sido uma mais valia para todos (PA4)

Pouco tempo de formação em sala de aula

Também é pena o tempo ter sido tão reduzido, apesar de perceber o porquê, acho que seria interessante alargar essa formação a mais tempo (PA1)

Já os aspetos negativos, pode-se dizer que tem a ver com a falta de tempo para fazer as coisas de uma forma melhor e mais profissional (PA2)

Creio que será ainda mais benéfico no futuro haver um período de trabalho mais prolongado, ou seja, invés de uma semana, talvez duas, ou até mesmo um mês (PA5)

Discussão

O acompanhamento dos alunos e a análise dos trabalhos realizados permitiu ver que houve aprendizagem de competências ao nível do processo de criação de um filme. O interesse e motivação do alunos, na fase 1, contribuíram para uma participação ativa e para a partilha de ideias entre todos os participantes. Os motivos podem estar relacionados com o constante acompanhamento presencial, em todas as etapas, mas também com o caráter essencialmente prático da formação, da qual resultou a criação de um filme por equipa.

Apesar do tempo limitado e da formação em tradaptação ter sido dada após a finalização da fase 1, de uma forma geral, os alunos gostaram da audiodescrição. Além das opiniões relativas ao interesse e inovação nesta área, houve a preocupação de alguns alunos em audiodescreverem os filmes, de forma a torná-los acessíveis à diversidade de espetadores.

Foi possível notar trabalho colaborativo e cooperativo numa fase inicial do projeto, onde todos participavam ativamente com sugestões, dentro ou fora do seu grupo de trabalho, revelando espírito crítico e capacidade de argumentação na negociação de soluções para os seus trabalhos. Contudo, para o final da semana de formação em sala de aula (fase 1) notou-se um decréscimo no trabalho colaborativo e cooperativo, chegando algumas vezes a situações de dificuldade de comunicação entre elementos do mesmo grupo, que se pode dever ao possível cansaço, uma vez que a formação foi intensiva.

Alguns alunos referiram o facto da formação ser dada num curto período de tempo. Além de que referiram que gostariam de ter um pouco mais de componente teórica, a fim de conseguirem assimilar melhor alguns conceitos. Tendo em conta o espaço temporal limitado, apenas uma semana, não houve oportunidade de aprofundar os conceitos, nem tampouco espaço para reflexão, por parte dos alunos. A formação dada foi extremamente prática, à medida que os conteúdos eram explicados, depressa eram aplicados. É interessante analisar esta partilha nas reflexões, tendo em conta que, a partir da experiência de docência, várias vezes os alunos reclamam de conteúdos demasiado teóricos, assim como faltam com alguma frequência. Em projetos desta natureza,

mesmo tendo uma grande componente prática, é necessário repensar a formação, de forma a que esta tenha uma maior duração, ou pelo menos, seja mais espaçada no tempo e que permita uma maior reflexão e assimilação de conteúdos.

É importante ainda, destacar as pesquisas feitas pelos alunos, com o intuito de entenderem realidades (neste caso relativamente aos seus filmes) que lhes permitissem transmitir as suas histórias da forma mais credível possível.

Os trabalhos finais tinham algumas falhas, tanto a nível técnico como a nível de gramática audiovisual, contudo, no final todos os participantes sabiam o que é necessário para criar um filme. Para um primeiro trabalho audiovisual e que contemplou as diferentes etapas da criação de audiovisual, pode considerar-se que os alunos atingiram perfeitamente os objetivos, superando mesmo as expectativas, tendo em conta o pouco tempo que foi dado para a formação.

Na fase 2 do projeto, que consistiu num trabalho mais autónomo, apenas uma aluna participou, tendo mostrado vontade de continuar, mesmo após a finalização do projeto. Os restantes alunos não apareceram nas reuniões de acompanhamento do projeto, dando a noção de perda de interesse no projeto. O motivo pode ter estado relacionado com os poucos trabalhos externos existentes na altura, com a autonomia que era necessária nesta fase e/ou com o facto de terem que seguir uma linha orientadora, em vez de um trabalho de criação livre.

Conclusão

O trabalho realizado com este projeto foi extremamente enriquecedor, permitindo corroborar, em alguns pontos, os estudos encontrados na literatura científica, mas levantando algumas questões, devido às especificidades do projeto, tais como: se na formação presencial foi pedido um trabalho com tema já definido, os alunos terão o mesmo interesse no projeto? Porque os alunos abandonaram o projeto numa fase de trabalho autónomo? Se a formação presencial for dada num maior espaço de tempo a taxa de abandono aumentará ou diminuirá?

Ainda que os trabalhos finais tivessem algumas lacunas, na realidade, entendemos que o projeto teve sucesso, na medida em que acreditamos mais no processo do que no resultado final. Mesmo com pouco tempo, os alunos entenderam o processo de criação, a necessidade de todas as etapas, desde a criação do argumento e storyboard, até à edição, aplicando, na medida do possível, os conceitos aprendidos.

Importa assinalar o interesse, motivação e empenho dos participantes, na 1ª fase do projeto, o que contribuiu para a realização de dois filmes feitos pelos alunos.

Das limitações ao estudo, destaca-se o número reduzido de participantes, que por um lado se deveu ao facto de ser um teste piloto do projeto; por outro lado, deveu à falta de recursos, sejam financeiros sejam de material audiovisual. É também importante salientar o abandono dos participantes, na segunda

fase do projeto, que pode estar relacionado com um trabalho mais autónomo por parte do aluno.

A participação no projeto e respetiva formação foi gratuita, talvez se fosse paga os resultados fossem diferentes, tendo em conta que o aluno poderia assumir mais seriedade no projeto, levando-o até ao final.

Uma formação desta natureza não pode ser dada num curto espaço de tempo, mas ao longo do semestre ou do ano letivo, a fim de dar tempo ao aluno para assimilar os conceitos.

Desta forma, sugere-se mais investigação na área de criação de audiovisuais, por parte de alunos, de forma a descobrir quais os fatores positivos e negativos que possam potenciar novas aprendizagens. Assim como também para que fiquem documentadas estas experiências que podem vir a beneficiar professores que pretendam utilizar estratégias de ensino alternativas às tradicionais.

Referências

- Boccia Artieri, G. 2012. "Productive Publics and Transmedia Participation." *Participations - Journal of Audience & Reception Studies* 9 (2).
- Caldas, José, and Bento Silva. 2001. "Utilizar o vídeo numa perspectiva construtivista." *Actas da II Conferência Internacional Desafios 2001*, Braga.
- Casal, João. 2013. "Construtivismo tecnológico para promoção de motivação e autonomia na aprendizagem." *Atas do XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*, Braga.
- Costa, Ângela Manuela Pereira, Lia Raquel Oliveira, and Maria José Rodrigues Cunha Ferreira. 2009. "Audiovideografia e aprendizagem : um estudo de caso com alunos do 6º ano do ensino básico, em área de projecto." *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*, Braga, 2009.
- Estrela, Albano. 2008. *Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. 4ª ed. Porto: Porto Editora, Lda.
- Ferreira, Maria José, and Lia Raquel Oliveira. 2009. "Audiovideografia e construção de identidades: um estudo de caso com alunos do 6º ano de escolaridade." *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*, Braga.
- Ferrés Prats, Joan. 2003. "Propuestas para un uso didáctico del vídeo." In *Las nuevas tecnologías en los centros educativos*, 81-97. Mérida (Badajoz).
- Fortin, Marie-Fabienne. 2009. *O processo de investigação: da concepção à realização*. Translated by Nídia Salgueiro. 5ª ed. Loures: Lusociência - Edições Técnicas e Científicas, Lda.
- Lisbôa, Eliana Santana, João Batista Bontentuit Junior, and Clara Pereira Coutinho. 2009. "O contributo do vídeo na educação online." *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*, Braga, 2009-09.
- Manovich, Lev. 2001. *The Language of New Media*. USA: Massachusetts Institute of Technology.
- Morán, José Manuel. 1995. "O vídeo na sala de aula." *Comunicação e Educação* 1 (2):27-35.
- Oliveira, Lia Raquel. 2009. "Cinema educativo e construção social da realidade: criando Identidades através da leitura e da escrita do mundo com o Audiovisual." *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de*

Psicopedagogia, Braga.

Pereira, Marcus Vinicius, and Susana de Souza Barros. 2010. "Análise da produção de vídeos por estudantes como uma estratégia alternativa de laboratório de física no Ensino Médio." *Revista Brasileira de Ensino de Física* 32 (4):4401-1-4401-8. doi: 10.1590/S1806-11172010000400008.

Rosenberg, J. P., and P. M. Yates. 2007. "Schematic representation of case study research designs." *J Adv Nurs* 60 (4):447-52. doi: 10.1111/j.1365-2648.2007.04385.x.

Silva, Alzira Karla Araújo da, Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia, and Izabel França de Lima. 2010. "O conhecimento e as tecnologias na sociedade da informação." *Revista Interamericana de Bibliotecología* 33 (1):213-239.

Thompson, C. B., and B. L. Walker. 1998. "Basics of research (Part 12): Qualitative research." *Air Med J* 17 (2):65-70.

Vicentini, Gustavo Wuerrggers, and Maria José Carvalho de Souza Domingues. 2008. "O uso do vídeo como instrumento didático e educativo em sala de aula." XIX Encontro Anual da Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração (ENANGRAD), Curitiba, PR.

Yin, Robert K. 2003. *Case Study Research: design and methods*. Edited by 3rd. Vol. 5, Applied social research methods series. California, United States of America: Sage Publications, Inc.

Zoetli, Peter Anton. 2011. "Aprender cinema, aprender antropologia." *Etnográfica* 15 (1):185-198.